

Dioniso: a fusão do humano e do divino

Caio Riter*

Resumo

A representação do deus grego Dioniso não se limita à mitologia. Seus ecos estendem-se à psicanálise e, ainda hoje, são perceptíveis na literatura, quer como atmosfera, quer na representação de personagens ou, até mesmo, como próprio personagem ou desejo do eu-lírico.

Palavras-chave: Mitologia. Dioniso. Psicanálise. Literatura.

*O mito é o nada que é tudo
O mesmo sol
que abre os céus
É um mito brilhante e mudo.
(Fernando Pessoa)*

1 Origem e representação

Um deus que tinha tudo para não existir, tamanha foi a fúria desencadeada por Hera sobre ele, foi Dioniso¹. Fruto de um amor adúltero entre Zeus e Sêmele, ainda quando estava no ventre materno, o pequeno deus foi vítima do ciúme e do ódio da irascível Hera, que não media conseqüências a fim de se vingar das traições do marido. Pois foi por causa dessa determinação que Dioniso sofreu seu primeiro revés.

Zeus apaixonou-se pela princesa tebana Sêmele, filha de Cadmo, para quem se apresentava disfarçado, visto que a nenhum mortal era dado o direito de ver um deus em sua plenitude. Hera, mergulhada em seu ciúme, ao saber da relação extraconjugal do marido e da gravidez da princesa, pretendeu aniquilar com a traidora e com o rebento que ela gestava. Assim, usando o disfarce de Beróe, ama de Sêmele, convenceu-a de exigir que Zeus se apresentasse diante dela em toda a sua glória divina. Insuflada pelo desejo de Hera, que penetrou em seu coração, a jovem princesa, após fazer o amado prometer que lhe concederia tudo o que ela pedisse e após enorme resistência do deus, conseguiu que Zeus aparecesse em sua frente em meio a raios e trovões. Foi a desgraça de todos. O palácio incendiou-se, e Sêmele sucumbiu no meio das chamas. Todavia, com o auxílio de seu

* Professor no Colégio Bom Conselho e escritor. Doutor em Letra pela UFRGS.
E-mail: caioriter@uol.com.br

¹ Dioniso (Baco, para os latinos) é filho de Zeus e de Sêmele, deusa-mãe de origem frígia ou mortal, filha de Cadmos e da Harmonia.

filho Hefestos, Zeus conseguiu salvar a criança, retirando-a do útero materno, e colocando-a em sua coxa, onde aguardou o tempo necessário para o nascimento. Assim, Dioniso nasce duas vezes: quando é retirado do ventre materno e quando nasce, de fato, da coxa do pai.

Esse duplo nascimento, que quer dizer também dupla gestação, remete ao esquema clássico da iniciação: nascimento, morte e renascimento: a coxa de Júpiter — oca, como a árvore oca, acrescenta então, simbolicamente, aos poderes iniciáticos de Dioniso, a força excepcional que, sempre simbolicamente, reside na coxa do pai dos deuses.²

Tal nascimento, enfim, concede ao deus um caráter de duplicidade que irá permear suas ações e representações, embora, por vezes, tal representação seja simplificada ao ser apresentado apenas como o símbolo do entusiasmo e dos desejos amorosos. Tal representação dá-se, visto que o deus, em virtude da raiva de Hera, não será criado no Olimpo, em meio aos demais deuses. Temeroso de que a esposa pudesse querer dar conclusão à sua vingança, Zeus entrega o bebê Dioniso para sua tia Ino. Ela vigiará a educação do sobrinho nos campos de Nisa, com o auxílio das Hiades, das Horas e das Ninfas, apesar de todos os contratemplos que ocorrerão. Dioniso, filho adúltero de Zeus e fugitivo da vingativa Hera, no entanto, não terá sossego. Viverá nos bosques, muito mais próximo dos humanos do que caberia a um deus.

Os mitos das infâncias ou andanças de Dioniso apresentam-no como um deus perseguido: é dilacerado, cozido e devorado pelos Titãs, mas Deméter o traz de volta à vida; Licurgo, armado de um machado, persegue Dioniso e as Ninfas que o protegem, fazendo com que a criança, apavorada, jogue-se no mar. Tétis a recolhe. Além disso, Hera enlouquece Ino, permitindo que piratas seqüestrem Dioniso, a fim de vendê-lo. Ao atingir determinada idade, todavia, o jovem deus é entregue a seu preceptor Sileno, sendo instruído por este e pelas Musas. A paixão de Dioniso — sofrendo, morrendo, porém sempre renascendo — é o símbolo do renascimento vegetal.

Assim, a separação do pai e do convívio com os deuses no Olimpo fará de Dioniso, de certa forma, um deus renegado, um deus mundano. Tanto que o culto em sua homenagem, durante muito tempo, estava destituído de atmosfera sagrada. Era pagão. Assim, o divino e o humano se espelham na construção de Dioniso, reforçando-lhe o caráter de duplicidade. Afinal, seu exílio do “mundo dos deuses” fez com que errasse pelo mundo humano: “conquistou as Índias com um bando de homens e de mulheres, conduzindo tirsos e tambores em vez de armas (...). Em seguida, esteve no Egito, onde ensinou a agricultura e a arte de extrair o mel; plantou vinha e foi adorado como deus do vinho”.³ Seu culto ficou,

² CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 11. ed.. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997, p. 340.

assim, ligado de forma indissolúvel à liberação que tal bebida promove, religião e orgia se fundindo na sagração a Dioniso.

Deus da vegetação, da vinha, do vinho, dos frutos, da renovação sazonal, *Senhor da árvore* (Plutarco), ele é aquele que *distribui a alegria em profusão* (Hesíodo). *Gênio da selva e dos jovens brotos*, Dioniso é também o princípio e o senhor da fecundidade animal e humana. Denominado, aliás, Falen ou Falenos, a procissão do Phallos ocupa lugar importante em muitas de suas festas.⁴

Seu caráter de liberação dos instintos deve-se, também, ao tempo que enlouqueceu devido à perseguição de Hera. A deusa, em sua vingança, acabou por fazê-lo perder a razão e o obrigou a andar sem rumo por grande parte do mundo. Dioniso transitou pelo Egito, pela Frigia e, na ilha de Naxos, já com a racionalidade retomada, desposou Ariadne, com quem teve vários filhos. É a Dioniso, ainda, que atribuem o surgimento da primeira escola de música e, em sua honra, foram feitas as primeiras representações teatrais.

É do cinzel de Praxíteles que nasceu a caracterização mais comum do jovem Dioniso. Concebido com “as feições de um efebo, ou de um adolescente em quem as formas do corpo, suavemente fundidas e sem musculatura bem acentuada, anunciam a natureza quase feminina do deus”.⁵ Nesse sentido, Dioniso revela, mais uma vez, sua aura dupla: deus e humano, masculino e feminino, presentes na representação andrógina de um garoto, nem homem, nem criança. Ménard diz que as feições da fisionomia do deus, representado por Praxíteles, “constituem uma singular mescla do delírio báquico e de um ardor indeterminado, sem precisa finalidade. Nessa fisionomia se manifesta e fala claramente a voz da alma de Baco, partilhando o entusiasmo e o delírio que ele causa.”⁶

O deus do vinho, em seu caráter de *Líber* (livre), é representado, portanto, como um jovem risonho e festivo. Imberbe, possui olhos negros e cabelos longos, loiros, com reflexos dourados. Na cabeça, uma coroa de ramos de videira, de hera ou de figueira. Nas mãos, costuma trazer um cacho de uvas ou um chifre em forma de taça, e um tirso. Veste-se com manto de púrpura ou, por vezes, está nu, apenas com uma pele de cabrito a cobri-lo de forma negligente. Ora sentado num tonel, ora em um carro puxado por tigres e panteras, ora em meio aos festins e bacanais, acompanhado por sátiros, por bacantes, por Sileno (seu preceptor), assim como por uma pantera ou por um leão. Todavia, algumas representações o mostram obeso e bêbado.

³ COMMELIN, P. *Nova mitologia grega e romana*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1997, p. 68.

⁴ CHEVALIER, 1997, p. 340.

⁵ MÉNARD, René. *Mitologia Greco-Romana*. Volume 3, São Paulo: Opus, 1997, p. 88.

⁶ MÉNARD, 1997, p. 88.

2 Cultos e celebrações

Antes de Dioniso, havia dois mundos: o divino e o humano, conforme reforça Chevalier. Eram duas também as raças: homens e deuses. Dioniso e seu culto, no entanto, tendem “a introduzir os homens no mundo dos deuses e a transformá-los numa raça divina. O homem aceitava alienar-se na esperança de se ver transfigurado.”⁷ Os iniciados na orgia dionisíaca buscam sair de si mesmos, pondo-se em íntimo contato com o deus, tornando-se, pois, divinos também, visto que, por certo tempo, estarão possuídos pelo deus. Ambos em um corpo apenas. Homem e deus.

A orgia báquica revive os sofrimentos de Dioniso e, assim, desenvolve-se em três etapas: a oríbasia (perseguição desenfreada), o diasparagmos (sacrifício através do dilaceramento) e a omofagia (devoramento, sob pena de morte, da carne crua que foi dilacerada). Assim, através da orgia, as bacantes — sacerdotisas de Dioniso — podem reviver a paixão do deus que as possui e, ao mesmo tempo, experimentar a imortalidade na fusão com Dioniso: o fremente, o murmurante, o delirante. Delirar, imerso nos eflúvios do vinho, é oportunidade de se divinizar. Não mais a racionalidade humana, mas, sim, o delírio divino. Nesse sentido, a embriaguez conduz o humano além da sua condição; beber é experimentar a imortalidade.

Tal culto — orgias e bacanais — era, primitivamente, celebrado por mulheres, nos bosques, nas montanhas ou entre os rochedos, envolvidos por uma aura de profanação e de mistério. Tais devotas — as bacantes ou ménades — originaram-se das ninfas e das mulheres que acompanharam Dioniso em sua conquista das Índias, porém, mais tarde, passou a designar “as moças que, simulando um transporte báquico, celebravam as orgias e festas de Baco, com posições estudadas, gritos e saltos desordenados. Tinham olhos ferozes, a voz ameaçadora. A cabeleira esparsa flutuava sobre os ombros nus.”⁸

Quando tal culto passou a ser aceito, foram instituídas as Dionisíacas: festas gregas, em Atenas. Procissões em que se conduziam tirsos, vasos cheios de vinho, coroas de heras ou videiras. Homens fantasiados de Sileno, Pã ou de Sátiros. Havia corridas, lutas, divertimentos, mas também concursos de poesia e de representações dramáticas. Outra festa eram as Liberais: bastante licenciosas, em Roma, em que propostas indecorosas eram feitas a mulheres decentes.

Diante disto, pode-se dizer que Dioniso, “considerando as conseqüências sociais e, mesmo as formas de seu culto, era o deus da libertação, da supressão das proibições e dos tabus, o deus da catarse e das exuberâncias”.⁹

⁷ CHEVALIER, 1997, p. 341.

⁸ COMELLIN, 1997, p. 69.

⁹ CHEVALIER, 1997, p. 340.

Foi do culto de Dioniso, segundo Junito Brandão, que surgiu a tragédia:

Historicamente, por ocasião da vindima, celebrava-se a cada ano [...] a festa do vinho novo, em que os participantes, como outrora os companheiros de Baco, se embriagavam e começavam a cantar e dançar freneticamente, à luz de archotes e ao som de címbalos, até cair desfalecidos. Ora, ao que parece, esses adeptos do deus do vinho disfarçavam-se em sátiros, que eram concebidos pela imaginação popular como “homens-bodes”. Teria nascido assim o vocábulo tragédia (“tragoidia = “tragos”, bode + “oidé”, canto + “ia”, donde o latim tragoedia e o nosso tragédia).¹⁰

O teatro grego, assim, nasceu da religião, do culto a Dioniso. Nas festas dionisíacas, realizadas no momento da vindima, ocasião em que os participantes borravam seus rostos com uvas e iniciavam os folguedos em homenagem ao deus.

As máscaras, com as quais se ornavam os túmulos, prendiam-se aos mistérios de Baco, como inventor da tragédia e da comédia e indicavam que a vida, como as peças de teatro, nada mais é do que a mescla de prazeres e dores, em que cada um desempenha um papel diferente.¹¹

Dessa forma, o deus, que era, primeiramente, a própria personificação do vinho, tornou-se símbolo da vida humana. O corpo, livre pelo eflúvio da bebida, libera-se para que o deus o penetre, apoderando-se na prisão corpórea e, ao mesmo tempo, libertando o homem para a confluência com o divino.

Ora, competia ao ator, ao ser possuído por uma outra personalidade, por uma outra vida, inclusive dando vida a um deus, a representação do divino no humano. Atuar, nessa perspectiva, representa sair de si para vivificar outro, o que caracteriza uma atividade divina por excelência. O canto do bode, animal que representa um dos disfarces usados por Dioniso, é a própria voz do deus do vinho.

Dioniso simboliza, nessa medida, o esforço do indivíduo de espiritualização e da busca do êxtase, através do ato da representação e da catarse. O mortal que se vê, que se encontra, no infundo. “Deus da árvore, do bode, do fervor e da união mística,” Dioniso “sintetiza, em seu mito, toda a história de uma evolução.”¹²

¹⁰ BRANDÃO, Junito. *Teatro grego: tragédia e comédia*. São Paulo: Vozes, 1985, p. 09.

¹¹ MÉNARD, 1997, p. 103.

¹² CHEVALIER, 1997, p. 341.

3 Dioniso e Psicanálise

Do ponto de vista da psicanálise, levando-se em conta os aspectos levantados em relação à origem de Dioniso, sua representação e seu culto, o deus *duplo* simboliza o rompimento com toda e qualquer inibição; a ruptura das repressões e dos recalques. É, pois, representação do ID. Sua incorporação libera o ser que o acolhe, permitindo que o verdadeiro *eu* aflore em busca do prazer. É um deus que preside os excessos promovidos pela embriaguez, arrebatando as pessoas através da bebida, da música e da loucura. Somente possuído por Dioniso, o humano se liberta das prisões do cotidiano, das amarras do Superego. Assim, conforme Chevalier, “simbolizaria as forças da dissolução da personalidade: a regressão para as formas caóticas e primordiais da vida que provocam as orgias; uma submersão da consciência no magma do inconsciente”¹³, e sua aparição em sonhos indica uma violenta tensão psíquica, que busca levar a uma ruptura, visto que o deus é libertador. Tal libertação, no entanto, “pode ser espiritualizante ou materializante, fator evolutivo ou involutivo da personalidade. Simboliza em profundidade a energia vital tendendo a emergir de toda sujeição e de todo o limite”.¹⁴

Nessa perspectiva psicanalítica, de certa forma, Dioniso está presente em cada ser, é a parcela do poder divino que, despertada pela bebida, se liberta e permite expor o lado obscuro — imerso em sombras, caráter aliado aos desejos mais primitivos — que foi aprisionado pelas contingências morais, culturais e sociais. Dioniso é, pois, o libertador, o gritão, o delirante, o livre.

4 Ecos dionisíacos na literatura

*Cróton selvagem, tinhorão lascivo
Planta mortal, carnívora, sangrenta,
Da tua carne báquica rebenta,
A vermelha explosão de um sangue vivo.
(Cruz e Souza)*

4.1 O canto épico português

Em *Os lusíadas*, poema épico de Luiz de Camões, Dioniso (ou Baco), ao contrário de Vênus e de Marte, que são favoráveis aos heróis portugueses, será contrário ao domínio dos valorosos nautas. No Canto 1, cuja narração tem início com os portugueses já no Oceano Índico, em plena viagem, os

¹³ CHEVALIER, 1997, p. 341.

¹⁴ CHEVALIER, 1997, p. 341.

deuses se reúnem no Olimpo para um concílio que irá determinar a sorte dos navegadores portugueses: eles deverão ou não aportar às Índias. Baco (Dioniso), movido pela inveja e pelo despeito, se mostrará contrário à decisão de Júpiter (Zeus) em permitir a continuidade da viagem.

30.
Estas palavras Júpiter dizia,
Quando os Deuses por ordem respondendo,
Na sentença um do outro diferia,
Razões diversas dando e recebendo.
O padre Baco ali não consentia
No que Júpiter disse, conhecendo
Que esquecerão seus feitos no Oriente,
Se lá passar a Lusitana gente.

31.
Ouvido tinha aos Fados que viria
Uma gente fortíssima de Espanha
Pelo mar alto, a qual sujeitaria
Da índia tudo quanto Dóris banha,
E com novas vitórias venceria
A fama antiga, ou sua, ou fosse estranha.
Altamente lhe dói perder a glória,
De que Nisa celebra inda a memória.¹⁵

Percebe-se nos versos acima, a recusa de Baco em não consentir a passagem dos portugueses. Afinal, a conquista das Índias pelos heróicos navegadores significaria, de certa forma, o apagamento dos feitos realizados pelo deus, feitos os quais ainda são lembrados e celebrados. Baco não quer o esquecimento, não quer a perda da glória conquistada. Desse modo, será um feroz opositor a que os portugueses possam realizar com competência a empreitada a que se dispuseram. Em Moçambique, no Canto 2, disfarçado de cristão, tentará convencer os portugueses a desembarcarem, para assim, guerrearem e serem vencidos pelos mouros. Baco dissimula, usa de estratégias, a fim de concretizar seu intento.

10
Mas aquele que sempre a mocidade
Tem no rosto perpétua, e foi nascido
De duas mães, que urdia a falsidade
Por ver o navegante destruído,
Estava numa casa da cidade,
Com rosto humano e hábito fingido,
Mostrando-se Cristão, e fabricava
Um altar sumptuoso, que adorava.¹⁶

Todavia, os marinheiros portugueses foram salvos do arдил de Baco pela pronta intervenção de Vênus. Nesse sentido, o deus que personifica os instintos e os desejos primevos, durante toda a jornada, criará artifícios para que sua glória não seja solapada pelos aventureiros cristãos. São, na

¹⁵ CAMÕES, Luiz Vaz de. *Os lusíadas*. São Paulo: Atelier Editorial, 1999. Todos os excertos de *Os lusíadas* foram retirados desta edição.

¹⁶ CAMÕES, 1999, p. 44.

verdade, duas crenças que lutam: o culto pagão báquico e a crença religiosa cristã. O que vemos em *Os lusíadas* também é o embate entre essas duas vontades, essas duas maneiras de conceber o divino.

12
Aqui os dous companheiros conduzidos
Onde com este engano Baco estava,
Põem em terra os gíolhos, e os sentidos
Naquele Deus que o mundo governava.
Os cheiros excelentes, produzidos
Na Pancaia odorífera, queimava
O Tioneu, e assim por derradeiro
O falso Deus adora o verdadeiro.¹⁷

Baco, assim, disfarçado de cristão, como revela o narrador, busca enganar os portugueses, ele mesmo se mascarando com todos os elementos sagrados dos rituais cristãos e, como revela o último verso, o falso deus adorando o verdadeiro. Ora, se Dioniso personifica a falsa crença, Jesus, o deus cristão, é apresentado como a verdade, mostrando, de certa forma, que o culto báquico extertora diante da supremacia da fé cristã. Todavia, embora seus ardis se revelem inúteis, o deus dos instintos seguirá em seu ímpeto destrutivo. Para ele, o fracasso dos portugueses é condição fundamental de sobrevivência. Assim, descerá ao fundo do mar, pedirá aos deuses que liberem ventos e tempestades contra a esquadra portuguesa, aparecerá em sonho a um sacerdote muçulmano e lhe inspirará sentimentos anticristãos. Tudo para que o intento e a façanha de Vasco da Gama sucumbam.

Entretanto, auxiliados por Vênus, por Cupido e por Tétis, os portugueses iniciam seu retorno a Portugal, não sem antes amarem, banquetear-se e, do alto de um monte, verem o mundo até então conhecido e perceberem seu papel como conquistadores e divulgadores da fé cristã. O poema épico português, nesse sentido, revela o embate a liberação dos instintos, através da orgia báquica e os preceitos morais rígidos da fé cristã. Baco resulta perdedor. Vasco da Gama imprime suas convicções e sua força de homem, não mais dominado pelo pavor do desconhecido, quer humano, quer divino.

4.2 *Dr. Jekyll e Mr. Dioniso*

Em *O médico e o monstro*, de Robert Louis Stevenson, a temática do duplo se destaca. Todavia, muitas vezes, tal conflito entre Jekyll e Hyde é visto como uma luta entre o bem e o mal, a droga liberando a porção de maldade inerente ao pacato cientista, que, a fim de libertar-se da própria armadilha que criou para si, imola-se. No espelho invertido de Jekyll, que

¹⁷ CAMÕES, 1999, p. 45

é Hyde, percebe-se, através do poder liberador que a poção bebida promove, o outro *eu* do doutor, aquele abafado pelas contingências morais. Afinal, o próprio Utterson revela que Jekyll, em sua juventude, foi alguém mais mundano, alguém intempestivo, movido mais pelos instintos do que pela razão. Nota-se, pois, que, a fim de obter o respeito social e profissional, o médico acabou por reprimir seus desejos mais primitivos, sua porção dionisíaca.

Pobre Harry Jekyll”, pensava, “tenho receio de que esteja correndo perigo. Ele foi intempestivo quando jovem, há muito tempo, para ser exato. Mas, na lei de Deus, não há prescrição. Ah, deve ser isso: o fantasma de algum pecado antigo, o tumor de alguma desgraça encoberta.¹⁸

Todavia, embora reprimido, o desejo pela orgia báquica, pela libertação dos instintos, mostra-se constante na vida de Henry Jekyll, tanto que, ao atingir o status de respeitabilidade, o doutor irá elaborar a droga capaz de trazer-lhe novamente os arroubos da juventude: seu lado perverso, alienado de qualquer freio moral. Lado que terá, inclusive, uma nova identidade: Edward Hyde. E, como num culto a Dioniso, o iniciado tornar-se-á outro ao ser possuído pelo deus que personifica os instintos mais primitivos. E o ritual se realiza através da ingestão de uma bebida, assim como no mito.

A droga não tinha efeito discriminativo: não era nem diabólica nem divina, apenas abalava as portas da casa que aprisionava minhas inclinações. E, assim como os prisioneiros de Filipos, o que estava dentro podia correr livremente porta afora. Minha virtude, naquela época, dormitava.¹⁹

E, assim como as bacantes²⁰, que, ao ingerirem vinho, se tornavam mulheres vis, sem freios, selvagens; Jekyll, ao beber a droga, dava vazão a seu lado mais sombrio, algo que, ao mesmo tempo que lhe traz sofrimento e remorso, o enche de prazer.

Passei a me sentir mais moço, mais leve e mais disposto. Internamente, tinha sempre consciência da minha audácia temerária. Um surto de imagens sensuais desordenadas invadia com rapidez minha imaginação. Os compromissos e as obrigações eram rompidos e eu descobria uma liberdade de alma até então desconhecida, mas, sem dúvida, nada inocente.

¹⁸ STEVENSON, Robert Louis. *O médico e o monstro*. 5. ed. São Paulo: FTD, 1994, p. 26.

¹⁹ STEVENSON, 1994, p. 85.

²⁰ “As bacantes ou mênades eram primitivamente as ninfas ou as mulheres que Baco tinha levado consigo para a conquista das índias. Mais tarde, designaram-se por este nome as moças que, simulando um transporte báquico, celebravam as orgias ou festas de Baco, com posições estudadas, gritos e saltos desordenados.” COMMELIN, 1997, p. 69.

Ao respirar o primeiro sopro dessa nova vida, percebi que estava mais perverso, dez vezes mais perverso. Sentir-me escravo de meu pecado original era algo que me embriagava como o vinho.²¹

A idéia do pecado original (rompimento com o divino) revelado através dos poderes liberadores do vinho apontam para a representação de Dioniso, o deus que traz em si a marca da duplicidade, que o liga ao mundano, sendo ele também divino. Um deus mais propenso aos desejos humanos, deus que possui os corpos mortais, entregues à orgia divina, graças à ingestão e aos efeitos que o vinho produz. Ingerir a bebida é receber o deus em si, mas é também libertação total dos freios, visto que quem age e quem fala não é mais o humano, mas o próprio deus, ou seja, não há responsabilidade e/ou ingerência; os erros — caso hajam — são de Dioniso e, assim, as culpas também. O que, de certa forma, difere da postura assumida por Jekyll, pois, ao perceber que Hyde está cada vez mais presente e cada vez mais dominador, o cientista decide pôr fim a si mesmo, a fim de que o outro também feneça. Na obra de Stevenson, o humano — ou o freio moral — vence a liberação desmedida e báquica do divino, porém, para isso, ele precisa morrer.

4.3 Um cantar dionisíaco brasileiro

No poema “Bacanal”, de Manuel Bandeira, o eu lírico explode em desejo. Seu primeiro canto “Quero beber!”²² conclama pelo domínio dionisíaco. Tudo é desejo de bebida, de festa e de amores. Assim, se grita tal qual Júpiter²³, clama também por Momo²⁴ e por Vênus²⁵.

Quero beber! Cantar asneiras
No esto brutal das bebedeiras
Que tudo emborca e faz em caco...
Evoé Baco!

Lá se me parte a alma levada
No torvelim da mascarada,
A gargalhar em doudo assomo...
Evoé Momo!

²¹ STEVENSON, 1994, p. 82.

²² BANDEIRA, Manuel. *Melhores poemas*. 13. ed., São Paulo: Global Editora, 2000, p. 38.

²³ Na guerra contra os gigantes, a fim de animar Baco, o deus dos deuses bradava-lhe incessantemente: Evoé, coragem, meu filho. A expressão Evoé, que significa gritar, era repetida pelas bacantes, durante as orgias, passando Dioniso, por isso, a ser conhecido como Evã, o gritão. COMMELIN, 1997, p. 67-70.

²⁴ Deus da pilhéria, das críticas e dos ditos espirituosos. Este deus é representado levantando a máscara e tendo na mão um bastão encimado pela cabeça de um boneco, enfeitado de guizos, símbolo da loucura. COMMELIN, 1997, p. 155.

²⁵ Vênus, ou Afrodite, é uma das divindades mais célebres da antigüidade: era ela quem presidia os prazeres do amor. COMMELIN, 1997, p. 63.

Lacem-na toda, multicores,
As serpentinas dos amores,
Cobras de lívidos venenos...
Evoé Vênus!

O poeta canta, pois, o desejo de desaparecer, presa dos próprios instintos, nos territórios dominados por tais deuses, cujo acesso é permitido através da bebedeira. Baco é o primeiro a ser convocado. Ele será o guia, qual Dante, para a entrada num universo sem restrições, em que o eu lírico será envolvido num torvelim de gargalhadas, festa, máscaras e amores. Afinal, é o vinho que o faz “cantar asneiras”; é o vinho que liberta das amarras sociais e permite a busca desenfreada pelos prazeres mundanos. Fora de si, o eu lírico é voz destituída de razão e desejo de enredar-se nas “serpentinas dos amores”. Serpentinas que se transformam em serpentes prestes a invadi-lo com sua desejada e desejosa peçonha.

Outras não são as volições daquele que canta, além de mulheres, versos e vinho. A própria poesia liberada através da atmosfera de desrazão promovida pela ingestão alcoólica. A voz lírica, que canta desejos obscenos, se libera através da possessão dionisíaca. O vinho, com seu poder libertário, solta o verbo do poeta e o libera para os folguedos de Momo. Assim, bacanal e carnaval aproximam-se, fundem-se num momento único de desmedida da voz e do corpo; o amor libertando-se de sua condição idealizada a favor de um status mais corpóreo e sexual.

Se perguntarem: Que mais queres,
Além de versos e mulheres?...
— Vinhos!... o vinho que é meu fraco!
Evoé Baco!

O alfanje rútilo da lua,
Por degolar a nuca nua
Que me alucina e que eu não domo!...
Evoé Momo!

A Lira etérea, a grande Lira!...
Por que eu extático desfira
Em seu louvor versos obscenos,
Evoé Vênus!

Não há espaço para doma, para silêncio, para castidade. Quando Dioniso impera, mostra o poema, outra é a lógica: a etérea Lira torna-se vadia, e tudo é festa, sem espaço para racionalizações, crises de consciência e arrependimento. Afinal, o que importa é beber, festejar e amar carnalmente. Não uma mulher, mas todas. E nenhuma. O feminino cai de seu pedestal de santidade para tornar-se musa de carne, osso e sexo. No reinado de Dioniso, este é o canto que o poeta entoa.

4 Considerações finais: Evoé

Camões, Stevenson e Bandeira deram voz ao deus gritão. Evoé. Caminhos diferentes de representação, mas que trazem em sua essência os principais elementos que evocam o deus do vinho. Assim, pode-se perceber a presença de Dioniso, em sua duplicidade, sempre elemento de contraponto, de contestação da ordem, não apenas como espírito de uma estética ou época, como defendeu Nietzsche em sua visão diacrônica da Arte²⁶, mas também como tema ou personagem. Seu espírito libertador dos desejos mais primitivos foram, são e, com certeza, permanecerão sendo eco na Literatura. Evoé, Baco!

Recebido em setembro de 2007.

Aprovado em outubro de 2007.

Title: Dionysius: the Fusion of the Human and the Divine.

Abstract

The representation of the Greek God Dionysius is not limited to mythology. Its echoes reach psychoanalysis and can still be noticed in literature nowadays, whether as atmosphere or in the representation of characters, or even whether as the character himself, or desire for the lyric voice.

Key words: Mythology. Dionysius. Psychoanalysis. Literature. Lyric voice.

Referências

BANDEIRA, Manuel. *Melhores poemas*. 13. ed., São Paulo: Global Editora, 2000.

BRANDÃO, Junito. *Teatro grego: tragédia e comédia*. São Paulo: Vozes, 1985.

CAMÕES, Luiz Vaz de. *Os lusíadas*. São Paulo: Atelier Editorial, 1999.

CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 11. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

COMMELIN, P. *Nova mitologia grega e romana*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.

MÉNARD, René. *Mitologia Greco-Romana*. São Paulo: Opus, 1997. Volume 3.

²⁶ Nietzsche propõe a visão diacrônica do mundo, opondo dois espíritos, o dionisíaco e o apolíneo, cada um regido por um dos deuses: Dioniso e Apolo. Em oposição à racionalidade apolínea, o filósofo contrapõe a libertação dos instintos propiciadas por Dioniso. A arte seria, pois, o resultado do conflito entre tais visões do mundo. Apolo representa a individualização, a media, a ordem. Exprime o triunfo da razão e da moral. Dioniso representa o excesso, a embriaguez, orgias sexuais, festas, músicas. Exprime a afirmação da vida e da força. Assim, cada um destes espíritos rege um momento estético literário em oposição ao seu anterior, retomando aspectos estético e ideológicos do anterior ao anterior. NIETZSCHE, Friedrich W. *A visão dionisíaca do mundo*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.